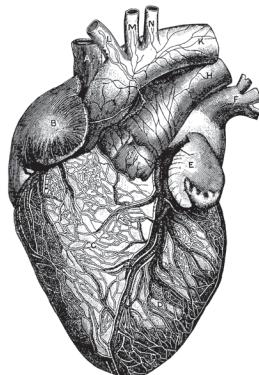


AZIZ ANSARI

Com Eric Klinenberg



ROMANCE MODERNO

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE RELACIONAMENTOS NA ERA DIGITAL

Tradução *Christian Schwartz*

paralelo

Copyright © 2015 by Modern Romantics Corporation

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo ou de parte em qualquer meio.

Edição publicada mediante acordo com The Penguin Press, um selo da Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Modern Romance

CAPA Cleber Rafael de Campos

PREPARAÇÃO Mariana Delfini

ÍNDICE REMISSIVO Probo Poletti

REVISÃO Marina Nogueira e Luciane Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ansari, Aziz

Romance moderno : uma investigação sobre relacionamentos na era digital / Aziz Ansari, com Eric Klinenberg ; tradução Christian Schwartz. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original: Modern Romance.

ISBN 978-85-8439-019-9

1. Homem-mulher – Relacionamento 2. Homem-mulher – Relacionamento – Humor 3. Namoro (Costumes sociais)
4. Namoro – Humor 1. Klinenberg, Eric. II. Título.

16-00568

CDD-818

Índice para catálogo sistemático:

1. Relacionamento amoroso : Tratamento humorístico : Literatura norte-americana 818

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 PROCURANDO SUA ALMA GÊMEA	19
CAPÍTULO 2 O PRIMEIRO CONVITE	41
CAPÍTULO 3 RELACIONAMENTOS VIRTUAIS	79
CAPÍTULO 4 ESCOLHA E OPÇÕES	135
CAPÍTULO 5 PESQUISAS INTERNACIONAIS SOBRE O AMOR	161
CAPÍTULO 6 VELHAS QUESTÕES, NOVAS FORMAS: NUDES, TRAIÇÃO, O FUÇAR OBSESSIVO E SEPARAÇÃO	189

CAPÍTULO 7	
ASSUMINDO UM COMPROMISSO	223
CONCLUSÃO	251
AGRADECIMENTOS	269
NOTAS	273
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	279
ÍNDICE REMISSIVO	281
CRÉDITOS DAS IMAGENS	287

R O M A N C E
M O D E R N O

CAPÍTULO 1

PROCURANDO SUĀ ALMA GÊMEA

Muitas das frustrações vividas pelos solteiros nos dias de hoje parecem problemas próprios do tempo e do ambiente tecnológico em que vivemos: não receber resposta de uma mensagem; ficar agoniado tentando decidir qual é seu filme preferido para colocar no perfil do site de relacionamento; pensar se você deveria ou não mandar teletransportar rosas para a garota com quem saiu na noite anterior. (NÃO TENHO MUITA CERTEZA DE QUE O TELETRANSPORTE VAI SER INVENTADO QUANDO O LIVRO SAIR NOS ESTADOS UNIDOS, EM 2015, COMO DISSERAM MEUS ASSESSORES CIENTÍFICOS. EDITOR: FAVOR CORTAR ESTA PARTE SE NÃO FOR.)

Esse tipo de sutileza é definitivamente algo novo no universo romântico, mas, à medida que avançava na pesquisa e nas entrevistas para este livro, descobri que as mudanças nos relacionamentos e no amor são muito mais profundas e maiores do que eu tinha me dado conta.

Neste exato momento, sou um entre milhões de jovens em situação parecida. Conhecemos pessoas, namoramos, começamos e terminamos relacionamentos, tudo isso na esperança de encontrar alguém que se ame de verdade e com quem se queira ter uma ligação mais profunda. Podemos até querer casar e começar uma família.

Hoje, essa jornada parece bem normal, mas é absurdamente diferente do que as pessoas faziam há apenas algumas décadas. Para ser específico, agora percebo que nossas ideias sobre duas coisas — “procurar” e “a pessoa certa” — são completamente diferentes. O que significa que nossas expectativas sobre a paquera também são.

TROCANDO DONUTS POR ENTREVISTAS:

VISITA A UMA CASA DE REPOUSO DE NOVA YORK

Se eu queria ver como as coisas haviam mudado ao longo do tempo, pensei que deveria começar conhecendo as experiências de pessoas de gerações anteriores que ainda estão por aí. E isso significava conversar com velhinhos.

Para falar a verdade, tendo a romantizar o passado e, embora curta as facilidades da vida moderna, às vezes gostaria de viver numa época mais simples. Não seria legal ser solteiro em outros tempos? Levar minha garota ao drive-in para ver um filme, depois para comer um hambúrguer com milk-shake numa lanchonete e, por fim, transar sob o céu estrelado num conversível velho. Certo, talvez isso fosse complicado para mim nos anos 1950, considerando a cor da minha pele e as tensões raciais da época, mas, no meu devaneio, a harmonia entre as raças faz parte do pacote.

Voltando: com o objetivo de aprender sobre os relacionamentos do passado, Eric e eu fomos a uma casa de repouso no Lower East Side de Nova York.

Chegamos armados com uma caixa grande da Dunkin' Donuts e café, recursos que, segundo os funcionários do lugar, seriam a chave para convencer os idosos a falar conosco. Dito e feito: foi só sentirem o cheiro dos donuts que, rapidinho, foram puxando cadeiras e respondendo às perguntas.

Um senhor de 88 anos chamado Alfredo não demorou a atacar os donuts. Depois de uns dez minutos de conversa, durante os quais não tinha revelado mais do que a idade e o nome, ele olhou para mim com uma expressão confusa, levantou as mãos sujas de doce e foi embora.

Quando voltamos à casa alguns dias depois para mais entrevistas, Alfredo apareceu outra vez. Os funcionários explicaram que ele tinha entendido mal o objetivo do encontro anterior — pensou que queríamos falar sobre suas lembranças da guerra —, mas agora estava totalmente preparado para responder a perguntas sobre suas experiências amorosas e seu casamento. De novo foi ligeiro para apanhar um donut, e então, em menos tempo do que alguém levaria para limpar os farelos de uma rosquinha do bigode, ele sumiu.

Espero encontrar um esquema assim fácil de filar donuts quando for a minha vez de morar em uma casa de repouso.

Felizmente, outros moradores foram mais cooperativos. Victoria, de 68 anos, cresceu em Nova York. Casou aos 21 com um rapaz que morava no mesmo edifício, um andar acima do seu.

“Eu estava parada na frente do prédio, com umas amigas, e ele me abordou”, contou Victoria. “Falou que gostava muito de mim e perguntou se eu queria sair com ele. Não respondi. Ele me convidou mais duas ou três vezes até eu aceitar.”

Foi a primeira vez que Victoria saiu com alguém. Foram ao cinema e depois jantaram na casa da mãe dela. Ele logo se tornou seu namorado e, após um ano, seu marido.

Estão casados há 48 anos.

A história de Victoria tinha aspectos que eu esperava serem bem comuns naquele grupo de pessoas — ela se casara jovem, o namorado havia sido apresentado aos pais quase que imediatamente e o casamento não demorou muito.

Imaginei que a parte de casar com alguém que morava no mesmo prédio fosse meio casual.

Mas a mulher com quem falamos em seguida, Sandra, de 78 anos, contou que tinha se casado com um rapaz que morava do outro lado da rua.

Stevie, de 69 anos, se casou com a moça do apartamento no final do corredor.

Jose, de 75 anos, se casou com uma moradora da rua de cima.

Alfredo, com a vizinha da frente (provavelmente filha do dono da confeitaria do bairro).

Aquilo era notável. No total, catorze dos 36 idosos com quem conversei acabaram se casando com alguém que podiam visitar a pé. O pessoal se casava com os vizinhos da rua, do bairro e até do mesmo prédio. Parecia um pouco bizarro.

“Gente”, falei. “Vocês moravam em Nova York. Nunca pensaram: *Ah, talvez eu pudesse achar alguém fora deste prédio?* Por que se limitar? Por que não expandir horizontes?”

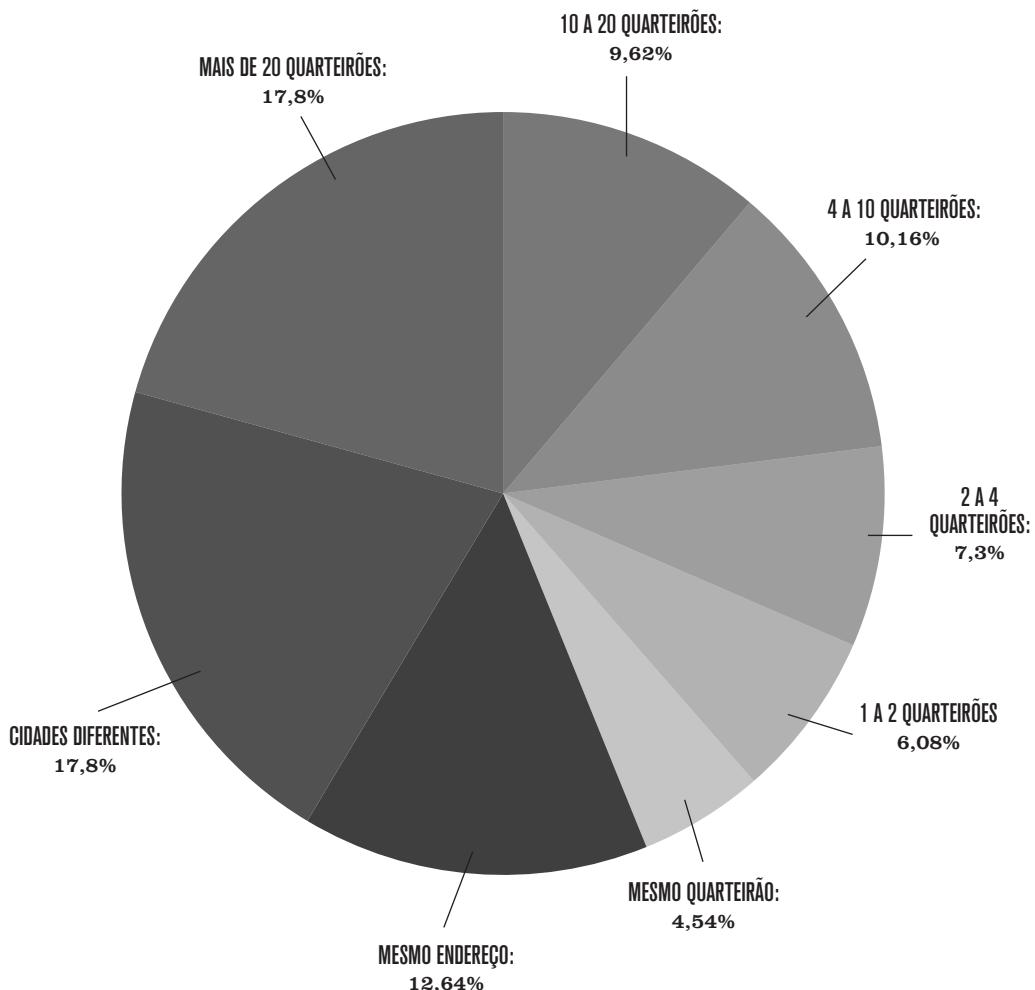
Eles simplesmente deram de ombros e disseram que ninguém fazia as coisas desse jeito.

Depois das entrevistas, fomos pesquisar se aquele era mesmo um padrão de comportamento. Em 1932, um sociólogo da Universidade da Pensilvânia chamado James Bossard examinou 5 mil certidões de casamento consecutivas nos arquivos da cidade da Filadélfia. Opa: *um terço* dos casais da amostra morava num raio de cinco quarteirões um do outro antes de se casar. De cada seis casais, um morava no mesmo quarteirão. E, mais impressionante, um em cada oito casais morava no *mesmo prédio*.¹

Será que esse padrão valia apenas para as cidades grandes? Bem, nos anos 30 e 40, sociólogos se perguntaram a mesma coisa e divulgaram suas descobertas nas principais publicações científicas da época. E elas eram extraordinariamente parecidas com as de Bossard na Filadélfia.

Havia poucas variações. Por exemplo, pessoas de cidades menores também se casavam com vizinhos quando possível. Quando a oferta era limitada demais, elas expandiam seus horizontes — mas só até onde fosse necessário. Como afirmou o sociólogo John Ellsworth Jr., de Yale, num estudo sobre padrões de casamento em Simsbury, Connecticut, com popu-

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PARCEIROS EM
5 MIL CASAMENTOS NA FILADÉLFIAS (1932)**



lação de 3491 habitantes: “As pessoas vão até onde for preciso para encontrar um parceiro, mas nunca mais longe do que isso”.²

É claro que as coisas são muito diferentes hoje. Descobri que os sociólogos nem fazem mais pesquisas sobre a geografia dos casamentos no

nível das cidades. Eu, particularmente, não consigo me lembrar de um só amigo que tenha casado com alguém da vizinhança, e poucos são os que se casaram com uma pessoa da mesma cidade em que nasceram. Meus amigos, em sua maioria, casaram com pessoas que conheceram logo após a faculdade, quando conviviam com gente do país inteiro e, em alguns casos, do resto do mundo.

Pense no lugar onde você passou a infância, no seu prédio ou no seu bairro. Você consegue se imaginar casando com alguém daquele bando de manés?

IDADE ADULTA EMERGENTE: QUANDO OS MARMANJOS CRESCEM

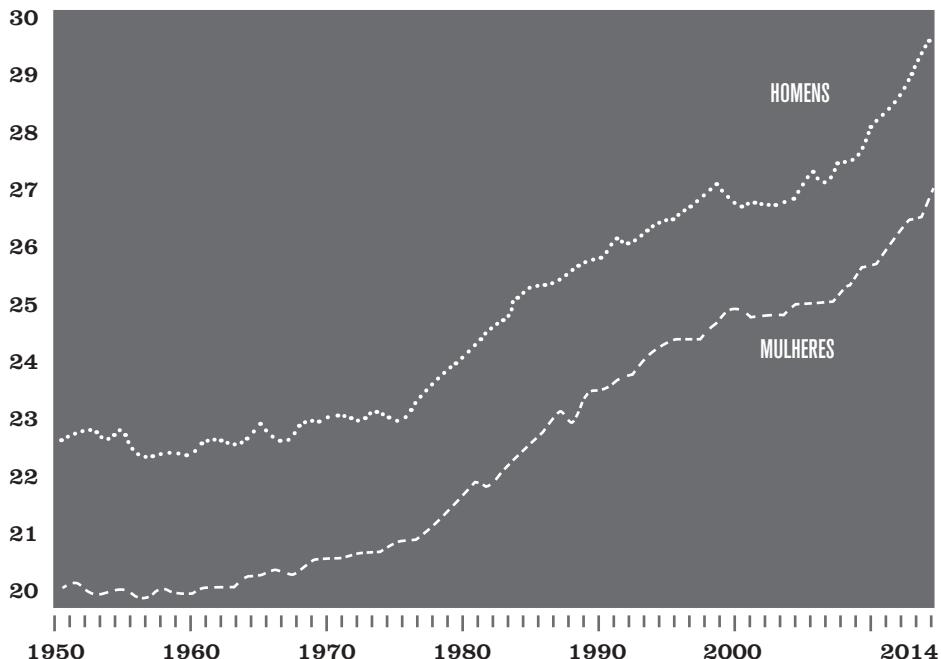
Uma das razões pelas quais é tão difícil se imaginar casando com as pessoas com quem passamos a infância e a adolescência é que, nos dias de hoje, casamos muito mais tarde do que as gerações anteriores.

Entre os idosos que entrevistei na casa de repouso de Nova York, a idade média no casamento era de vinte anos entre as mulheres e 23 entre os homens.

Hoje, a idade média no primeiro casamento é de aproximadamente 27 anos entre as mulheres e 29 entre os homens, e de mais ou menos trinta anos para ambos os sexos em cidades grandes como Nova York e Filadélfia.

Por que a média de idade no primeiro casamento cresceu tão dramaticamente nas últimas décadas? Nos anos 50, o casamento era o primeiro passo para a vida adulta. Depois de terminar o ensino médio ou a faculdade, casava-se e saía-se de casa. Hoje, o casamento costuma ser um dos estágios mais avançados da vida adulta. Atualmente, a maioria das pessoas vive a faixa dos vinte e dos trinta como outra etapa, em que vão para a universidade, começam uma carreira e experimentam o que é ser adulto longe da casa dos pais antes de se casar.

MÉDIA DE IDADE NO PRIMEIRO
CASAMENTO NOS ESTADOS UNIDOS



FONTE: Escritório do Censo dos Estados Unidos, Censo Decenal (1890 a 1940) e Pesquisa Anual com a População, Aspectos Sociais e Econômicos (1947 a 2014).

Nessa etapa, encontrar um parceiro e se casar não é tudo na vida. Temos outras prioridades: concluir uma formação, tentar diferentes empregos, ter alguns relacionamentos e, com sorte, se desenvolver mais plenamente como pessoa. Os sociólogos até criaram um nome para esse novo estágio da vida: “idade adulta emergente”.

É um estágio em que acabamos expandindo muito o leque de opções amorosas. Em vez do bairro ou do prédio, temos as cidades para onde mudamos, os anos que passamos conhecendo pessoas na faculdade ou no trabalho e — o maior fator de mudança — as infinitas possibilidades oferecidas por ferramentas virtuais.